

POSSIBILIDADES E LIMITES DA PSICANÁLISE À CÉU ABERTO

LARISSA COSTA BRAZ¹; MANUELA EMILIANO BLANCO²; MARIANA
GUIMARÃES CHAVES³; NICOLE AGUIAR DA SILVA⁴; THAMARA CERUTTI DA
SILVA⁵; VERÔNICA CALDERANO REZENDE⁶
Centro Universitário Academia, Juiz de Fora, MG
STETINA TRANI DE MENESES DACORSO⁷
Centro Universitário Academia, Juiz de Fora, MG

Linha de pesquisa: Práticas Clínicas

RESUMO:

O Projeto de Pesquisa Psicanálise Extramuros é uma tentativa de tornar a Psicanálise acessível àqueles que sequer tem conhecimento de sua existência, a ideia inicial foi formulada na ocupação de praças públicas de Juiz de Fora por grupos de estudantes participantes do projeto. Porém, fomos atravessados pelo distanciamento forçado pela pandemia do Covid-19 que nos impossibilitou a prática, mas, em contrapartida, nos possibilitou reflexões sobre o que permeia uma intervenção a céu aberto. A discussão apresentada, portanto, emerge da possibilidade de exercício psicanalítico de forma contemporânea e ampliada, cujo principal objetivo é promover a escuta através de um processo de transferência em um contexto a céu aberto. A quem serve a psicanálise? Quais as possibilidades de articulação da Psicanálise com as Políticas Públicas? Essas e outras questões foram levantadas ao longo dessa construção.

Palavras-chave: Extramuros. Políticas Públicas. Prática ampliada. Contemporâneo.

¹ Discente do Curso de Psicologia do Centro Universitário Academia de Juiz de Fora. E-mail: brazpsic@gmail.com

² Discente do Curso de Psicologia do Centro Universitário Academia de Juiz de Fora. E-mail: manuelakdc1@hotmail.com

³ Discente do Curso de Psicologia do Centro Universitário Academia de Juiz de Fora. E-mail: mariana.chaves.uffj@gmail.com

⁴ Discente do Curso de Psicologia do Centro Universitário Academia de Juiz de Fora. E-mail: nicoleaguiaar1@gmail.com

⁵ Discente do Curso de Psicologia do Centro Universitário Academia de Juiz de Fora. E-mail: thamaracerutti@hotmail.com

⁶ Discente do Curso de Psicologia do Centro Universitário Academia de Juiz de Fora. E-mail: veronicacalderano@gmail.com

⁷ Docente do Curso de Psicologia do Centro Universitário Academia de Juiz de Fora. Orientadora.

1. INTRODUÇÃO

O Projeto de Pesquisa Psicanálise Extramuros é uma tentativa de tornar a Psicanálise acessível àqueles que sequer tem conhecimento de sua existência, a ideia inicial foi formulada na ocupação de praças públicas de Juiz de Fora por grupos de estudantes participantes do projeto. Porém, fomos atravessados pelo distanciamento forçado pela pandemia do Covid-19 que nos impossibilitou a prática, mas, em contrapartida, nos possibilitou reflexões sobre o que permeia uma intervenção a céu aberto.

A discussão apresentada, portanto, emerge da possibilidade de exercício psicanalítico de forma contemporânea e ampliada, cujo principal objetivo é promover a escuta através de um processo de transferência em um contexto a céu aberto. Foi elaborado reflexões teórico-metodológicas e éticas sobre a Psicanálise e suas possibilidades fora do ambiente formal de sua aplicação, a clínica.

A Psicanálise Extramuros visa ampliar a atuação para a escuta cotidiana e seus percalços, se estabelecendo no acolhimento da população que dela necessita e assim, atuando nas ruas e suas manifestações. Ao longo do percurso, buscou-se compreender processos simbólicos e subjetivos que atravessam o sujeito em sofrimento, elencando as intercorrências possíveis em clínica e em outros territórios possíveis de se levar o saber psicanalítico. Indo além, o desejo manifesto e as angústias civilizatórias, percebidas em áreas comuns e públicas, salientam o sujeito atual, atravessado pela cultura e sua intensa aferência sobre si. Deste local público e para todos, é que o projeto atua, dando espaço para a fala possível e a expressão daquele que necessita falar para, possivelmente, se encontrar.

O período histórico enfrentado atualmente, marca a transição dos modos de vida e de relacionamentos, ressaltando a importância da investigação de conteúdos inconscientes, uma vez que, os princípios da identidade humana e de sua socialização, vem sendo modificados. Ademais, é notável o aparecimento de novas formas de sofrer frente a globalização, ao neoliberalismo, a variação do câmbio monetário, a redução dos postos de trabalho, ao uso abusivo de fármacos, as neo-religiões em crescimento e o pseudocientificismo. Vale ressaltar que o laço social é construído, legitimando

a existência, para tanto, a Psicanálise, tem como objetivo tornar o homem responsável pelo seu gozo.

2. METODOLOGIA

Essa pesquisa se constrói a partir da revisão bibliográfica da obra freudiana e de produções sobre a experiência da psicanálise a céu aberto, com o objetivo de preparar os futuros profissionais de psicologia para uma prática além da clínica tradicional. A partir do estudo da obra Freudiana visamos fortalecer a escuta ativa das dores que o ser humano é submetido, para tanto, tais contribuições apresenta-se de forma viva e eficaz. Esta pesquisa permite a articulação entre teoria e prática, visando aperfeiçoar a escuta e a ampliação da psicanálise a partir de sua inserção em contextos diversos e improváveis.

A revisão bibliográfica amparou a atuação possível do projeto em rua, debateu-se sobre a contemporaneidade do saber da psicanálise e do saber necessário para se ouvir o Outro. Enquanto um projeto de iniciação científica se analisou métodos já existentes para investigar teoricamente se os mesmos se adaptam à uma situação diferente, foi necessário estudar vários textos já existentes em situações diferentes do atendimento em rua. A população que será objeto de atendimento (assim que for permitido sair de um isolamento social decorrente da pandemia do Coronavírus) se encontra em praças, o objetivo é levar às pessoas que desejem, uma escuta qualificada que subentende uma possibilidade de atendimento em outros espaços se assim o desejarem ou ali mesmo. Porém o atendimento na praça, que se repita além de um único encontro esbarra em premissas de atendimento que estão sendo elaboradas: vão pagar? Como? Enquanto uma iniciação científica não quantitativa nem estatística, o saber se elabora através de discussão de textos técnicos-teóricos construindo parâmetros inovadores para a comunidade de Juiz de Fora – MG.

3. A QUEM SERVE A PSICANÁLISE?

O trabalho psicanalítico é realizado no encontro do sujeito com seu inconsciente por meio de associações livres, esse inconsciente se manifesta através de repetições, sonhos, atos falhos, delírios e outros. Sintoma em psicanálise é uma formação do inconsciente como uma solução que visa reestabelecer o psiquismo, sua função é a resolução de um conflito, mas ao mesmo tempo é o traz uma satisfação perturbadora. Em psicanálise não se retira o sintoma, pois isso pode gerar um deslocamento de sua manifestação, além de ser a principal ponte com o inconsciente e por onde se inicia o trabalho. É preciso um olhar de interesse sobre a dor do outro para auxiliar no que for possível dentro das técnicas: Qual é a realidade interna do sujeito e sua relação com a realidade externa?

O caminho entre a constatação de um mal-estar até o início de uma análise é longo e nem todo sofrimento está na ordem da intervenção psicanalítica. A psicanálise não trata a doença, mas o sujeito implicado em fazer da doença um sintoma, ou seja, um questionamento dentro de si mesmo. Não é a natureza do sofrimento que delimita o campo de intervenção, mas a relação do sujeito com o sofrimento. (MOURANO, 2010)

Em termos gerais a Psicanálise serve ao sujeito que vive um conflito entre o desejo que o move e aquilo que o censura. Todos que chegam para análise, mesmo que o discurso seja variado, carregam os sintomas analíticos. E com a população na praça não seria diferente, o que difere da prática clínica em uma instituição seria a regularidade dos atendimentos e uma possível maior implicação do sujeito nos atendimentos. Um interessante debate levantado sobre a implicação do sujeito atendido na praça, trouxe a hipótese de ele implicar-se com seu tempo, suas atividades diárias.

Segundo Mourano (2010) a Psicanálise serve para aquele que se incomoda com algum sintoma. Dado isso, com quais sintomas podemos nos deparar? Haverá adesão da população ao projeto? As questões postas já nos oferecem um campo de pesquisa, desta maneira ressalto que o projeto não é uma caridade à população, mas uma relação pautada na ética e prática psicanalítica que só é possível de acontecer pela transferência de um encontro analítico.

4. PSICANÁLISE E POLÍTICAS PÚBLICAS

Diante das primeiras considerações freudianas sobre as possibilidades de inserção da Psicanálise nas políticas públicas compreende a Psicanálise como direito que atua, paradoxalmente, com seu contexto de não regulamentação profissional e concepção de formação, levando em consideração, ainda, seu rigor e caráter não tendencioso no âmbito dessas políticas (MARINO, 2020).

Sigmund Freud, no Congresso Psicanalítico Internacional de Budapeste em 1918, se referiu ao futuro da Psicanálise sendo de acesso por toda uma sociedade, independentemente de sua classe sociocultural-econômica. Em seu texto “Caminhos da terapia psicanalítica” Freud, profeticamente, acreditava que no futuro a Psicanálise seria estendida às classes mais pobres e vai se perceber que a doença psíquica pode ser tão prejudicial quanto a tuberculose, os governos ou instituições privadas vão empregar profissionais da Psicanálise que mediante a análise vão tentar impedir que homens caiam na bebida, mulheres sucumbam às suas frustrações e que as crianças caiam no embrutecimento, cabendo a nós, psicanalistas, adaptar nossa técnica às novas condições. O que vimos ao longo dos anos, através da ampliação do mercado de trabalho, a Psicanálise sendo levada por seus profissionais para empresas, hospitais psiquiátricos, pesquisas clínicas, clínicas-escolas das universidades, ambulatórios, instituições. Se o psicanalista fora do setting não é contratado para ser psicanalista não invalida que sua escuta o seja.

Depois da observação de bebês estabelecida durante décadas pelas sociedades ligadas à IPA, passamos a ter terapia de bebês. Algumas instituições de ensino seguindo a ideia de observação de bebês inovaram com proposta de observações em espaços abertos, instituições diferentes, até que a intervenção pudesse ser proposta. E seguindo a profecia freudiana, agora a Psicanálise se aproxima cada vez mais de classes menos favorecidas. Teóricos e clínicos da Psicanálise têm publicado atuações e experiências em “espaços antes nunca navegados pela Psicanálise”.

Segundo Adriana Marino (2020), a Psicanálise como política social pública revê os objetivos clínicos centrados na conquista, pelo Eu, dos processos inconscientes, podendo ser empregado através de estratégias

educativas e auxílio assistencial, mas estas possibilidades deparam-se com o impasse de uma exigência de uma produtividade eficiente e de um “bem-estar social” propagado pelos setores de saúde pública e da sociedade em geral que está em oposição a relação psicanalítica do desejo inconsciente cujo psicanalista e sujeito é livre durante as intervenções. Os bens ideais e utilitários, como promessas de felicidade, podem produzir segregação, miséria e desamparo, isso porque, muito do sofrimento do sujeito encontra-se no excesso de suas alienações.

Os eixos de sustentação para uma prática de clínica psicanalítica aberta, a partir da defesa freudiana, por atendimentos públicos e gratuitos inseridas como uma política social de saúde pública deve ressaltar que uma clínica aberta não se constitui como uma política pública, apesar de seu caráter político e público. A clínica aberta funciona como dispositivo sustentado pela ética analítica que deve cuidar para não ser confundida com uma prática “filantrópica” e de “caridade” (MARINO; COARACY; OLIVEIRA, 2018).

Em direção à revolução da descoberta do inconsciente e da direção ética, clínica e política da psicanálise, como pontos de ancoragem para se pensar seu lugar nas políticas públicas, onde quer que a Psicanálise se insira ela se encontra às margens, possibilitando a criação de pontes (MARINO, 2020). Nos afastamos da benevolência e da caridade, porém nos mantemos alinhados aos postulados freudianos e, diante de um suposto saber, nos arriscamos na promoção de atendimentos a céu aberto.

5. PSICANÁLISE EXTRAMUROS

As cidades de São Paulo e Rio de Janeiro inovaram no atendimento ao ar livre. Foi seguindo estes experimentos que começamos com Grupo de estudos em 2020 e agora, em 2021, ampliamos para uma iniciação científica, todos com o título de Psicanálise Extramuros. Extramuros por sair das paredes que limitam e indo para lugares abertos. Estas duas experiencias nos incitou a inovar em nossa comunidade promovendo atendimentos – quando a pandemia o permitir – acreditamos e torcemos para que no ano que vem o permita. Iremos a duas praças em Juiz de Fora.

O projeto Digaí-Maré nos ajuda a pensar sobre a inserção da psicanálise em contexto mais amplo e suas implicações. Quais são os limites e extramuros subjetivos dessa prática. Ao ultrapassar as fronteiras dos tradicionais consultórios houve uma ampliação do trabalho psicanalítico e do posicionamento político da prática, uma conexão com novas possibilidades diante das diferentes formas de segregação. As mudanças nos laços grupais se relacionam com a constituição das identidades, ainda que exista uma singularidade que parece não ser compartilhado e até mesmo nomeado, o íntimo e estranho. Esses desencontros do sujeito possuem poucos lugares possíveis para serem acolhidos e este projeto possibilitou a criação de um espaço para o estranho, que permite a nomeação do que não tem nome e ainda lidar com os impasses que o mundo apresenta, apostando que o poder de nomeação equivaleria a uma recusa de considerar como solução uma suposta “ação real”, fora da cultura (REIS; VIEIRA, s.d.).

Questões que emergem desse coletivo é o que faz com que essa experiência seja primorosa à formação, exigindo inventividade para manejo e direção de quem se propõe a ir às praças. Todo processo se inicia do desejo do analista de estar, de abrir-se à experiência clínica no espaço público e é isso que diferencia a Clínica Aberta das práticas filantrópicas e de caridade, ao não se impor como sacrifício ou estratégia neoliberal. E, apesar de seu caráter político e público, não se constitui como uma política pública por estar à margem das instituições públicas e privadas, além de, ao se ausentar do caráter filantrópico e caridoso, fogem das construções transferenciais que se parecem com obrigações ou com uma dinâmica neoliberal de perdas e ganhos de tempo e dinheiro. O psicanalista nessa prática pauta sua estratégia pela singularidade dos significantes de cada sujeito que chegar, possuindo liberdade tática sob seu próprio desejo (MARINO; COARACY; OLIVEIRA, 2018).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Abjeto é o que não goza do *status* de sujeito, que pode ameaçar identidades, sistemas, ordens. Limites e regras não são respeitados pelo abjeto. Portanto, os espaços que ocupa são os ilegítimos, os inabitáveis, os sem importância. Não tem o *status* da alteridade. Simplesmente não pode

existir e não faz sentido. São as exceções numa determinada cultura que se pensa universal. Em nosso ambiente, negros, homossexuais, transexuais, favelados, drogados, moradores de rua, imigrantes em geral. Pensar em práticas psicanalíticas à céu aberto é pensar em possibilidades de escuta analítica voltadas àqueles comumente hostilizados ou até ignorados em sua invisibilidade provocada por um sistema que exclui pessoas, as quais são atingidas em sua constituição como sujeitos (KHOURI; LEITE NETTO, 2016).

Nos alinhamos ao pensamento que grupos afastados das chamadas “benesses sociais” sofrem pelo esquecimento social, pelas dores de sua vida e muitas vezes só lhes resta utilizar de fármacos por não terem conhecimento de outra forma de tratar suas dores. O atendimento a Céu aberto não tem fórmula pronta. As praças do Rio de Janeiro e São Paulo não são as praças de Juiz de Fora e obviamente a população também é outra. Desta forma continuamos alinhados à Freud: “nunca nos gabamos da completude de nosso saber, de estarmos prontos, agora não menos que antes estamos prontos a admitir as imperfeições de nosso conhecimento, aprender novas coisas e mudar nos procedimentos o que puder ser mudado”.

Como resultados podemos encontrar uma clínica aberta funciona como dispositivo sustentado pela ética analítica que deve cuidar para não ser confundida com uma prática “filantrópica” e de “caridade; uma Psicanálise como direito atuando paradoxalmente com seu contexto de não regulamentação profissional e concepção de formação, levando em consideração, ainda, seu rigor e caráter não tendencioso; atendimentos públicos e gratuitos como uma política social de saúde pública; e a inserção da Psicanálise em contexto mais amplo e suas implicações.

Destaca-se ainda a importância do projeto Extramuros na formação acadêmica dos discentes do curso de Psicologia do Centro Universitário Academia. Pensado para que ocorra em praças, pretende-se com o projeto aproximar a população do serviço de saúde mental sob o olhar da Psicanálise, ou seja, um projeto de saúde prestado à comunidade juiz-forana de forma gratuita. É um questionamento dos laços sociais e da visão filantrópica que possa emergir do contato com a comunidade, a fim de garantir o cuidado por meio da escuta psicanalítica. O projeto possibilita a promoção de pesquisas de campo a partir das demandas da população.

BIBLIOGRAFIA

KHOURI, Magda Guimarães; LEITE NETTO, Oswaldo Ferreira. Psicanálise a céu aberto. **J. psicanal.**, São Paulo, v. 49, n. 91, p. 91-96, dez. 2016. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352016000200009&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 21 nov. 2021.

MARINO, Adriana Simões. A psicanálise nas políticas sociais públicas. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica [online]**. 2020, v. 23, n. 2 [Acessado 14 Setembro 2021], pp. 2-11. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1809-44142020002002>>. Epub 05 Jun 2020. ISSN 1809-4414.

_____; COARACY, Augusto Ribeiro; OLIVEIRA, Thiago. Uma experiência de clínica aberta de psicanálise. **Revista Lacuna**, 2018. Artigo, n. 5.

MAURANO, Denise. **Para que serve a psicanálise?** 3 ed. Rio de Janeiro, Zahar, 2010.

NASIO, Juan-David. **Sim, a psicanálise cura!** 1 ed. Tradução Eliana Aguiar. RJ: Zahar, 2019.

REIS, A; VIEIRA, M. A. **Limites na psicanálise extramuros**. Disponível em <http://www.litura.com.br/artigo_repositorio/limites_e_o_digai_pdf_1.pdf>.

ROCHA, Fernando José Barbosa. **Entrevistas preliminares em Psicanálise**. SP: Casapsi Livraria e Editora LTDA, 2011.

ROUDINESCO, E. **Por que a psicanálise?** RJ: Zahar, 2000.

VIEIRA, Marcus André; Andrea. **Limites da psicanálise extramuros**. S.d. Disponível: http://www.litura.com.br/artigo_repositorio/limites_e_o_digai_pdf_1.pdf. Acesso em: 14 de jun. 2021.